

JORNAL: O GLOBO LOCAL: GUANABARA

DATA: 10/2/1965 AUTOR: VERA PACHECO JORDÃO

TÍTULO: _____

ASSUNTO: VERA P.S. EMOCIONA-SE AO VER QUADROS

IVAN E OUTROS EM LONDRES ROYAL COLLEGE

O GLOBO ☆ 16265 ☆ Página 2 — — —

Londres à Primeira Vista

(De Vera Pacheco Jordão — Enviada Especial de O GLOBO)



Esta gravura de Roberto De Lamônica, datada de 1963, aparece, encimada pelos dizeres "Brazilian Art Today", na capa do catálogo da exposição de arte brasileira que hoje se inaugura em Londres. O catálogo, que está impresso em magnífico papel e foi projetado por Larry Carter, tem um prefácio de Sir Robin Darwin, do Royal College of Art, e uma introdução de Marc Berkowitz.

LONDRES, fevereiro — Há quem não goste de viajar de avião. Há mesmo quem se recuse terminantemente a fazê-lo. Tenho pena de quem se priva de experiência tão rica e frutífera sob tantos aspectos. Eu por mim, a não ser nas aterragens que me impelem a rezar freneticamente, sou grande entusiasta do transporte aéreo. Não me canso de olhar a terra transformada em carta geográfica, e quando a perco de vista delicio-me com o espaço ilimitado, com os efeitos de luz, com as formas e textura das nuvens. Guardo mesmo na lembrança algumas dessas imagens, não apenas visuais, mas ricas de sentido cósmico, que me proporcionaram momentos de inesquecível intensidade, feitos, a um tempo, de aguda percepção e diluição de personalidade. Há nesse instante privilegiado algo da Revelação, com seu duplo caráter, penetrante e inefável.

A parte esse aspecto subjetivo, só a viagem de avião permite os saltos no espaço e no tempo, em justaposições tão impressionantes quanto aquela que experimentei com os templos do antigo Egito e o Parthenon, como se naquelas poucas horas tivesse percorrido milênios e defrontado as duas faces do anseio humano, o culto do mistério religioso e o cultivo da lúcida razão.

Mas não é preciso contraste tão violento — nem eu tencionava deixar-me arrastar por recordações e divagações — para saborear o vôo do Rio a Londres. Como é civilizada a capital inglesa! Mesmo para quem já a conhece, como aparece majestosa em sua amplidão ordenada, serena em seu fluxo silencioso, para quem deixou na véspera a desordenada vivacidade, o alegre tumulto da Cidade Maravilhosa!

Leitor amigo, descubro súbitamente que já

está de partida o portador que levará para o Rio esta crônica, transformada em devaneio quando visava proporcionar-te um golpe de vista no que vai por aqui.

Posso apenas dizer-te que por trás do céu cinza entrevejo um pouco de azul. Que o frio é o necessário para estimular o espírito, sem ser bastante para entorpecer o corpo. Que ontem os jornais registravam o maior espetáculo de Covent Garden em toda a sua história: o triunfo de Margot Fonteyn, com Nurayev e o cenógrafo Gregoriadis, na nova interpretação do "Romeu e Julieta" de Prokofiev. Que na Câmara dos Lordes interpelam o Secretário do Interior a propósito da exumação da princesinha Anne Mowbray, Duquesa do York, há 485 anos falecida: serão procurados seus parentes e afins, para que manifestem seus desejos quanto ao seu segundo enterro? e será ele feito de acordo com o ritual católico, pois que era essa a religião da princesinha morta aos cinco anos?

Queria, sobretudo, dizer da emoção que me assaltou quando, aproximando-me da nova sede do Royal College of Art, através do vidro saltaram-me aos olhos quadros dos nossos pintores, de Iberê, Ivan Serpa, Rosina Becker e Cidinha, Zé Inácio com suas florzinhas — figuras conhecidas, gente amiga, a voz do Brasil. E no estrangeiro, ainda que apenas com 24 horas de permanência, a gente descobre que já é patriota.

Por isso, da próxima vez falarei somente da exposição dos nossos artistas, que está uma beleza e vai inaugurar-se segunda-feira — com "champagne", diz o convite. Espero que não seja brasileiro.